



EFEITOS DE SENTIDO IDENTITÁRIOS SOBRE A “VENEZA BRASILEIRA”: UTOPIAS E HETEROTOPIAS NO DISCURSO POÉTICO *EVOCAÇÃO DO RECIFE*

Juarez Nogueira Lins¹

RESUMO: A partir da confluência entre Literatura, Discurso e Identidade objetivou-se analisar a articulação entre diferentes sentidos identitários espaciais sobre a cidade do Recife, no discurso literário de Manuel Bandeira – **Evocação do Recife** – da primeira metade do Século XX. Recorreu-se a alguns pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso e pressupostos dos Estudos Culturais e Estudos Literários, para realizar esta pesquisa qualitativa e interpretativista. Neste sentido, destacaram-se algumas contribuições de Foucault (2006, 1995, 1979), Pêcheux (1990), Orlandi (2001), Hall (2006), Giddens (2002), Cândido (2008) e Bachelard (1996). E assim, a cidade bandeiriana, embora negue a Veneza Brasileira, se aproxima dos efeitos de sentidos utópicos da cidade gonçalvino, do século XIX.

Palavras-chave: Efeitos de sentido; identidade espacial; Veneza brasileira; utopia; heterotopia.

1 INTRODUÇÃO

No século XIX, a discursividade poética de Gonçalves Dias constituiu, a partir da semelhança física e arquitetônica entre Recife e a Cidade de Veneza, a identidade espacial Veneza Americana, transformada mais tarde em Veneza Brasileira por Gilberto Freire. Na primeira metade do século XX, muitos sujeitos poéticos, recifenses, repetiram a ordem do discurso ufanista gonçalvino (Gonçalves Dias, poeta romântico brasileiro). Contudo, outros sujeitos poéticos, a exemplo de Manuel Bandeira, apresentaram outra tendência de discursivizar o Recife.

Nesse viés, esse artigo traz algumas reflexões sobre o papel do discurso literário na construção e/ou desconstrução de identidades, tomando aqui, a identidade espacial da cidade do Recife, no Século XX. A questão principal é: de que forma a identidade espacial Veneza Brasileira foi significada/constituída através da discursividade poética **Evocação do Recife**? Deste modo, sob o olhar discursivo e através do prisma interdisciplinar – Literatura, Análise do Discurso e Estudos Culturais – objetivamos analisar os efeitos de sentido identitário advindos dos espaços utópicos/heterotópicos presente em *Evocação do Recife*, como lugares constitutivos da identidade Veneza Brasileira.

¹ Professor Associado DL/Profletras/CH/UEPB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7285-9557>. E-mail: junolins@yahoo.com.br

E para atender ao objetivo deste estudo, utilizou-se a pesquisa qualitativo-interpretativista e alguns pressupostos teóricos, sobre a articulação entre literatura e Análise do Discurso (AD), Análise do Discurso e Estudos Culturais, especificamente, os trabalhos de Michel Foucault e Michel Pêcheux sobre a Análise do Discurso e suas categorias, Stuart Hall (2006) e Anthony Giddens (2002) sobre identidade e modernidade, Antonio Cândido (2008) e Bachelard (1996) sobre Literatura e poesia. Este artigo foi dividido em três tópicos: o primeiro, esta introdução, que apresenta a pesquisa; segundo, as discussões teóricas sobre as articulações: AD, literatura, espaço e identidade. E o terceiro, a análise da materialidade discursiva – o poema **Evocação do Recife**.

2 AD, LITERATURA, ESPAÇO E IDENTIDADE: ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICOS

A relação entre Literatura e Discurso (AD) que nos parece tão profícua e interessante nos foi despertada inicialmente por Foucault (2005, 2006) e também por Gama-Khailil e Fernandes (2009). Para Fernandes “O estudo analítico de produções literárias sob a égide da Análise do Discurso tem sido cada vez mais recorrente por pesquisadores, estudiosos e estudantes inscritos nesse campo disciplinar” (Fernandes, 2009, p.10). Ele próprio e outros tantos autores, dentre eles Gama-Khailil analisam textos literários. Para aquela autora no texto: Veredas Possíveis dos Estudos Discursivos sobre a Literatura: As Vozes de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin nos Campos da AD e da Teoria Literária

não há sentido recusar o diálogo entre a AD e os Estudos Literários. O que nossa experiência mostra é a frutuosidade desse diálogo, e, por esse motivo, em nossa trajetória buscamos mostrar a coerência das pesquisas sobre o texto literário pautadas em concepções da AD; bem como, nas aulas de crítica literária, procuramos por exemplo, apresentar a AD enquanto método plausível para as análises (Gama-Khailil, 2009, p.275).

A autora enfatiza o caráter de entremeio da Análise do Discurso que se mostra aberta ao diálogo com outras áreas do conhecimento, tecendo algumas considerações sobre esta articulação entre Literatura e AD, que é possível principalmente a partir do espaço. Com base nos estudos de Foucault sobre o espaço, Gama-Khailil (2009, p. 292) afirma que “o espaço é um elemento potencialmente imprescindível se queremos interpretar o discurso literário”, haja vista que a finalidade da literatura é a multiplicação e a proliferação do espaço, da espacialidade. Ao realçar a importância do espaço na relação Literatura/AD ela destaca ainda que o espaço é “um dos elementos propulsores da ficção” (Gama-Khailil, 2009, p.292) e que a ele não foi dada a devida importância. Este fato chamou a atenção de Foucault (1979) e em Microfísica do Poder ele sugeriu que a crítica literária se encaminhasse para análises que pusessem em relevo a espacialidade das obras literárias. Entender a linguagem, a linguagem literária, a sociedade pelo espaço, porque

metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais, estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder (Foucault, 1979, p. 158).

O autor alude às metáforas espaciais – imagens criadas a partir do texto literário – como uma forma de compreender nitidamente as relações entre as práticas discursivas e as relações de poder, presentes na sociedade. Nestas relações também se encontram as identidades que são construídas através destas práticas discursivas e sob os efeitos dos interesses urbanos. As identidades são construídas no e pelo discurso, são um efeito de discurso, pois é no interior de práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas que elas emergem, e com base na noção de discurso como “efeito de sentidos” entre sujeitos que ocupam “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (Pêcheux, 1990, p. 82), são como produtos de lugares históricos e de instituições. Tendo isso por princípio, a identidade que é construída na prática discursiva da literatura resulta de uma relação sempre descontínua entre o discurso e a história, por isso a identidade não é algo definitivo e acabado. E nessa perspectiva, Hall (2006) assume uma posição que dá ênfase à fluidez da identidade, vendo-a como uma construção moldada conforme as práticas sociais e formações discursivas a que os sujeitos estão submetidos.

Enfim, é a partir desta breve confluência entre a Literatura, o Espaço, o Discurso e a Identidade que se pretende compreender a tensão entre diferentes sentidos identitários espaciais sobre a cidade do Recife no discurso literário do sujeito poético: Manuel Bandeira. É na cidade, portanto, que se discursiviza, que se constitui a relação entre a imagem que os sujeitos fazem dela e a realidade efetivamente construída - por esses e outros sujeitos - pois é no jogo das formações imaginárias que se constituem efeitos de sentido identitários espaciais, essência do urbano.

3 IDENTIDADE ESPACIAL DO RECIFE NO DISCURSO BANDEIRIANO: ENTRE A UTOPIA E A HETEROTOPIA

Entre tantos temas, a cidade “(...) espaço que habita a pessoa, onde quer que ela esteja, longe ou perto...” (Secchin, 2008, p.09), fez parte da poética de Manuel Bandeira. A cidade dentre estas representações urbanas, o Recife dos primeiros anos de vida do poeta, e do seu retorno após a cidade, após ter se ausentado por muito tempo compõem o seu discurso urbano. O poeta escreveu quatro poemas sobre a cidade do Recife, respectivamente, **Evocação do Recife** (1925), **Minha Terra** (1948), **Cotovia** (1952) e **Recife** (1963). No entanto, a cidade ainda se faz presente em outros poemas como *Mangue* (1900), *Natal sem Sinos* (1952) e *Infância* (1900).

O poema **Evocação do Recife** é o que melhor retrata a espacialidade do Recife, o centro da cidade no início do século XX. O poema foi encomendado por Gilberto Freire para as comemorações do Centenário do Diário de Pernambuco, em 1925 e seria publicado no Livro do Nordeste, organizado por Freire. Segundo Fonseca (1986, p.19),

A sugestão – inicialmente repelida, sob a alegação de que poema não é coisa que se encomende, como bolo de aniversário – ficou repercutindo em seu espírito para, finalmente, explodir em *Evocação do Recife*, que é assim, uma espécie de cartase epifânica.

Este discurso literário bandeiriano traz recursos que apontam a dimensão espacial/social e fornecem elementos para um modo de ver e discutir as identidades recifenses no início do século XX. Uma cidade em que Bandeira viveu e que já não existia mais, mas que fora resgatada pela memória – as nostálgicas ruas: União, Sol, Saudade, Aurora; os bairros: Santo Antonio, São José; a rotina das famílias à noite: as brincadeiras infantis, cavalhadas e novenas, o Capiberibe, o povo pelas ruas falando a língua brasileira. Por fim, a quase intimidade com a casa do avô de Bandeira, “impregnada de eternidade”, outro Recife, outro espaço. O pertencer a este espaço é uma busca constante ao longo de seu discurso poético e por meio do imaginário segue dotando a cidade e ele mesmo de significados (Ruiz, 2003), inicialmente históricos, como se percebe na estrofe abaixo:

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad² dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois –
 Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância (Bandeira, 1989. p. 69/70).

O sujeito poético a partir da memória discursiva constrói o poema para tomar posse do seu espaço primário mediante rituais de evocação³, repetindo, de forma simbólica, a vontade de recriação do seu espaço e a identidade deste espaço, construída na “interação entre o poeta e a cidade”⁴. Assim, o primeiro verso anuncia o espaço desejado, a utopia espacial. O advérbio de negação “não” produz sentidos que expressam a oposição entre dois espaços, a saber, o real (onde o poeta situa-se espacialmente) e o utópico, ou espaço de ilusão “que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartmentalizada” (Foucault, 2006, p.420). O verdadeiro Recife não é a cidade conhecida por todos, através da História e da Literatura. É um outro espaço (...) tão meticuloso, tão bem arrumado, um espaço sem lugar-comum, uma identidade utópica, um Recife discursivo e da imaginação:

Recife sem mais nada
Recife da minha infância (bandeira, 1989. p. 70).

²Cidade Maurícia, edificada por Maurício de Nassau, durante a colonização holandesa.

³Evocar: (chamar lugares, objetos, paisagens, afetos...)

⁴ Paráfrase que busca o mesmo sentido do texto de Hall (2006, p. 11) “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade”. A identidade em Questão. In: A Identidade Cultural na Pós-Modernidade, 2006.

No verso “Recife sem mais *nada*”, Bandeira, depois de recusar as possibilidades que apontavam para um Recife “real”, pontua a abertura para a vertente “ideal” de cidade. A cidade à qual o poema passa a se referir discursivamente é a utópica, preenchida pelo discurso poético em oposição à cidade atual, que é negada. Essa negação é marcada na materialidade pelo pronome indefinido *nada*. O *nada* apresenta duplo efeito: nega a cidade atual e sugere efeitos de sentido de denúncia, por revelar o Recife desconstruído. Esse pronome indefinido, constituinte da lírica bandeiriana vem desmentir todos os que anunciam a poesia como espelhamento social e dizer que Recife será da infância, da inventividade e das brincadeiras com a linguagem. Um espaço feliz, lugar amado pelo sujeito poético, um espaço tópico⁵ (Bachelard, 1996), enfim, um Recife utópico, recriado positivamente, pelo dizer poético. Para Foucault em Outros Espaços (2006), a utopia é “um lugar sem lugar”,

posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais (p.414-415).

O Recife da infância é esse espaço sem lugar real, que embora traga marcas físicas do “Recife vivo”⁶ - ruas, bairros, cursos d’água... – não se trata efetivamente do mesmo espaço, e sim de um Recife distante, já então outra cidade, diferente do Recife da infância. Entretanto, esse Recife distanciado, “morto” existe porque há elementos que possibilitarão sua existência. Para situá-los é necessário considerar as relações do sujeito poético com os espaços físicos sociais nos quais esse sujeito tem existência – poeta recifense, impregnado de reminiscências infantis: sociais e geográficas – que constrói discursivamente o “Recife da minha infância” a partir da (des) identificação do Recife onde se situa o sujeito poético “não a Veneza Americana”. Ironicamente, esse Recife infantil, se aproxima mais da Veneza Americana discursivizada por Gonçalves Dias.

Indiferente a essa possibilidade o sujeito poético Manuel Bandeira segue construindo a sua cidade, e para isso se inscreve não apenas no lugar social de poeta – já autorizado a dizer o indizível, mas também no lugar de “habitante” da cidade – criança – portanto, ainda mais livre das coerções sociais. E é essa dupla liberdade que permite negar os outros enunciados sobre o Recife, negar o espaço tão discursivizado e enunciar outro Recife: um espaço infantil, o espaço da memória. Ao desprezar o Recife, Veneza Brasileira, o Recife Histórico, em desfavor do Recife geográfico/social, o Recife da infância, ele retoma memórias urbano/culturais e efeitos de sentido de saudosismo - dos lugares simples, da cultura popular - e principalmente de reconhecimento e consagração dos habitantes da cidade, as pessoas mais simples, as vozes subalternas. Vozes que foram “apagadas” em detrimento das celebridades, em outros discursos urbanos, aqueles que silenciaram o “real” da cidade (Orlandi, 2001) impedindo que novos sentidos se manifestassem, outras vozes se fizessem ouvir. Dessa forma, passa a imperar na cidade uma ordem vertical, determinando não apenas as relações sociais, mas também, quais sentidos podem ou não vir à tona. Por essa razão, o discurso bandeiriano não representa o

⁵ Segundo Bachelard em sua obra Poética do Espaço (1996) é o espaço em que o indivíduo se encontra em harmonia: integrado, feliz, seguro.

⁶ Em oposição ao “Recife morto” expressão de Bandeira ao se referir ao seu Recife, o da infância.

discurso oficial, mas um discurso dessacralizador, que nega os discursos oficiais urbanos e outros discursos poéticos que se adequaram ao discurso oficial. O enunciado “Recife, não a Veneza americana, não a Mauritsstad” (Bandeira, 1989, p.69) nos remete aos interdiscursos imagético-poéticos “Veneza Americana” presente no discurso fundador de Gonçalves Dias “Recife, Veneza Americana transportada/boiando sobre as águas” e ao discurso imagético-icônico abaixo (Figura 1).

Figura 1 - Maurisstad - Cidade Maurícia - Pool Editorial S/A.



No espaço delimitado pelo sujeito poético o “Recife sem história nem literatura” ele nega o discurso literário, embora o utilize para construir a negação do discurso literário anterior e seus ecos modernos. Nega então a identidade *Veneza Americana*, construída por Gonçalves Dias no século XIX e reafirmada na primeira metade do século XX e também o discurso histórico sobre o passado da cidade do Recife, presente na imagem acima: o Palácio de Friburgo, símbolo da Cidade Maurícia ou Mauritsstad. Esta imagem também trava um diálogo, não com Veneza, mas com Amsterdã, capital holandesa, ratificando a negação do sujeito poético que não vê o Recife como *Veneza Americana*. Em seguida os espaços que compõem a sua utopia urbana são inicialmente situados e descritos:

A **Rua da União** onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros, risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai! (Bandeira, 1989, p.70)

Após a negação do Recife “real”, da negação da identidade *Veneza Brasileira*, o sujeito poético assume uma posição de desbravamento da espacialidade urbana do Recife. No percurso, observa-se a construção de espaços topofilíacos⁷ caros ao

⁷Relativo à Topofilia: sentimento de apego, uma relação afetiva com os lugares.

enunciador. As topofiliais constituem lugares privilegiados na construção da experiência pessoal e/ou coletiva (Bachelard, 1996), dentre os quais se destacam algumas das ruas do centro do Recife, a exemplo da Rua da União, na década de 30, destacada na (Figura 2), abaixo. Percebe-se na imagem a ausência do elemento humano, geralmente apagado das representações urbanas de caráter paisagístico/turístico. O edifício e o automóvel, este último um dos símbolos da modernidade, são importantes registros de uma cidade que se modernizava.

Figura 2 – Rua da União - Pool Editorial S/A



Com este espaço o sujeito poético mantém uma identificação positiva, ele foi o lugar da vivência pessoal, memória cultural “onde **eu** brincava de **chicote-queimado**” e da linguagem, a alma de cada habitante. Na sua voz, outras vozes que estiveram ausentes do discurso da identidade Veneza Brasileira: “Coelho sai! Não Sai!” vozes que simbolizam o espírito da cidade – desterritorializada do presente – cidade que o sujeito poético quer destacar e reterritorializar no presente, pois ela representa o “universo outrora tão regorgitante de vida” (Garbuglio, 1998, p. 105). A presença do automóvel, já não permite mais as brincadeiras infantis, na cidade “real”. Nessa cidade utópica⁸, é possível afirmar que a Rua da União constitui-se topofilia, no sentido atribuído por Bachelard (1996) como espaço de prazer, de experiências, de aconchego e intimidade, enfim espaço harmônico, de acumulação da experiência pessoal, de memória. O sujeito presente na espacialidade urbana, até então, não gera conflito, age em função do espaço, na interação entre o sujeito e o espaço por ele idealizado, outrora vivido, ou como afirma Hall (2006, p.11) “na interação entre o eu e a sociedade”, num viés determinista. Mas já começa a desarmonizar, iniciando um processo de fragmentação. Mesmo em uma cidade utópica, já começam a surgir os conflitos e a estabilidade começa a se fragmentar. Vejamos no fragmento a seguir:

⁸Consideramos utópica porque se trata de uma cidade que, mesmo não sendo idealizada, é no contexto de produção do poema, um ideal de cidade, não mais possível.

De repente
nos longes da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em **Santo Antônio**!
Outra contrariava: **São José**!
Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo
(Bandeira, 1989, p.70/71).

Os bairros de São José e de Santo Antônio (Figuras 3 e 4) de fins do século XIX, época em que viveu aqui no Recife o poeta Manuel Bandeira, começou a sofrer intensas mudanças a partir do início do século XX. Mas é na década de 30 que as mudanças se aceleram (foram abertas as avenidas Guararapes e Dantas Barreto e a construção de grandes edificações: o Trianon, Sulacap, Almare, o prédio dos Correios). As reformas realizadas nos bairros do Recife e Santo Antônio foram alvos de críticas dos recifenses, entre estes, poetas que tentaram manter em seus discursos poéticos, a estabilidade do urbano e consequentemente, a identidade Veneza Brasileira. A perda da estabilidade e segurança, decorrente da fragmentação da cidade fez surgir a necessidade do sujeito urbano está ancorado a uma identidade urbana estável, fixa, o que faz surgir o desejo de reconstrução de uma narrativa ilusória de estabilidade: A *Veneza Americana*, como já vimos, foi contestada por Bandeira. O discurso do sujeito poético é atravessado constitutivamente pelo discurso do outro (Authier-Revuz, 2004), ou seja, por vozes populares que divergem quanto à espacialidade dos acontecimentos: incêndios que acometiam constantemente os bairros como atesta o sujeito lírico ao enunciar a voz de Totônio Rodrigues, que “achava sempre que era em São José”. Assim essas paisagens recortadas do centro da cidade vão fragmentando, embora que de forma leve a “sólida” imagem da identidade *Veneza Americana*, para outros sujeitos, já *Veneza Brasileira*.

Nas imagens abaixo, os dois bairros são apresentados panoramicamente para apresentar apenas a arquitetura urbana onde se destacam os imponentes sobrados e as torres das igrejas. Na (Figura 3) o Rio Capibaribe. O rio, juntamente com suas construções: sobrados e igrejas (Figura 4) compunham ainda, o retrato da Veneza Brasileira, tão decantada no início do século XX, identidade desmistificada, paulatinamente pelo discurso literário de Bandeira, Pena Filho e João Cabral.

Figura 3 - Bairro de São José início do século - Lauro Villa.



Figura 4 - Vista do bairro de Santo Antônio - Pool Editorial S/A.



Após a passagem pelos Bairros de Santo Antônio e São José o sujeito-lírico retorna ao Bairro da Boa Vista onde delimita a sua espacialidade às quatro ruas de sua infância (União, Sol, Saudade e Aurora). E assim, como a “Cristandade marcava com seu signo fundamental (a cruz) o espaço e a geografia do mundo americano” (Foucault, 2006, p.421), o sujeito poético marca com as quatro ruas descritas, “o espaço e a geografia” dos lugares da vivência infantil, uma representação estabilizada do seu mundo urbano, da identidade de sua cidade.

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)

Atrás da casa ficava a Rua da **Saudade**...

...onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da **Aurora**...

...onde se ia pescar escondido (Bandeira, 1989, p.71).

Além da Rua da União, já anteriormente citada, há mais três ruas que compõem a espacialidade da cidade utópica: Rua do Sol, Rua da Saudade e Rua da Aurora, considerada uma das mais belas da cidade, margeia o Rio Capibaribe e também o Beberibe, que se encontram diante dela. Essa rua nasceu de um aterro de uma área pantanosa, que ia das margens do Capibaribe até a Rua do Hospício. Deste aterro surgiram também as ruas da União e da Saudade, que povoaram o imaginário infantil de Bandeira. Em 1840 são construídos os primeiros prédios da Rua da Aurora, entre o trecho da Rua Conde da Boa Vista e a Rua do Riachuelo. A Rua do Sol (Figura 5) que contempla a Rua da Aurora (Figura 6) situa-se na margem oposta do Capibaribe. Neste processo de construção e transformação da identidade espacial, elementos de diferentes discursos entram em conflito. Em “Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância” formações discursivas se confrontam na nominalização dos espaços urbanos: a do poder público e a literária, na modernidade.

Figura 5 – Rua do Sol – Pool Editorial.



Figura 6 – Rua da Aurora – Pool Editorial.



Nas imagens acima as identidades nominais/espaciais desses dois espaços urbanos foram construídas no século XIX, espelhando a tradicional paisagem romântica da cidade. No século XX, em constante efervescência urbana, o poder público, no afã de homenagear os construtores oficiais da cidade, figuras (estadistas, militares, engenheiros, personagens históricos...) eternizam as ilustres figuras com a inscrição de seus nomes em pontes, praças, ruas, avenidas, bairros. No entanto, no que se refere às ruas citadas em *Evocação do Recife*, não houve mudanças. Nas imagens panorâmicas acima, separadas pelo Rio Capibaribe as duas ruas em margens opostas se observam. Frontispícios de austeros sobrados formam uma paisagem equilibrada, harmonizada pela presença do rio, sem a presença do elemento humano, ou de algo que desestabilize a cidade perfeita, utópica. Cena que dialoga com a imagem poética abaixo: A Rua da Aurora margeando o Rio Capibaribe, popularmente conhecido, ou Capiberibe (Rio das Capivaras), eruditamente nomeado em tupi-guarani. Rio que margeava a Rua da Aurora e,

(...) onde se ia pescar escondido
Capiberibe
-- Capiberibe (Bandeira, 1989. p.71).

Neste, como em outros discursos sobre o Recife, analisados mais adiante, se pode perceber o discurso das águas: dos rios e do mar, elementos de uma identidade anfíbia que culminou com a identidade espacial (urbana) Veneza Brasileira. A água se espacializa e marca a paisagem. São 21 quilômetros de rio cortando os bairros da cidade e guardando parte de sua história. Os rios são, sem dúvida, a maior marca da identidade da cidade. Chega ao Recife pela Várzea, e vai cortando meandricamente e harmoniosamente a cidade. Entretanto, a imagem de harmonia deste espaço aquático é quebrada subitamente pela memória de outra imagem, a das cheias: “Cheia, as cheias! Barro boi morto árvores destroços redomoinhos⁹ [sumiu. E nos pegões das pontes do trem de ferros os caboclos destemidos [em jangadas de bananeiras” (Bandeira, 1989, p.71) As cheias e os sujeitos da cidade em jangadas (barcos de troncos de bananeira) que se expõem ao perigo, sonham salvar animais, objetos “Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam...” (Foucault, 2006, 422), no Recife de Bandeira, o sonho permanece e desvela os conflitos. Traz à tona uma memória cultural que sempre aterrorizou o recifense – as enchentes do rio Capiberibe. Estas cenas desestabilizam a paisagem harmônica e expõe conflitos do espaço discursivizado, de uma cultura historicamente produzida. Cultura, espaço, história e memória se interrelacionam na constituição do sujeito cidade e no funcionamento da linguagem. Estas imagens são retratos da cultura de um lugar apreendido enquanto subjetividade do sujeito poético em dado momento da história. Essa reflexão, possibilitada pela leitura de Foucault (1995), revela o sujeito e o espaço (este último utópico) marcados também por heterogeneidade, exteriores e não fixos, contrariando as imagens de estabilidade que são próprias das representações da cidade desde o século XIX, das representações utópicas do espaço. No final do seu discurso (fragmento abaixo) o sujeito poético lamenta a ação do tempo sobre a solidez de um espaço que parecia eterno, fixo, sentidos decorrentes do lugar ocupado por esse sujeito, isto é, pela posição-sujeito histórica e culturalmente construída. Entre a cidade real e a cidade utópica, a consciência da instabilidade espacial, presente na última estrofe do poema:

Recife...
Rua da União...
A Casa do meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife... (Bandeira, 1989. p.72/73).

O mecanismo que o sujeito poético utilizou para desviar o já-estabelecido e conseguir apresentar outra visão da cidade (utopia, mas não totalmente estável) foi a construção poética. Através desse mecanismo poético, ele fragilizou um sistema não questionado, ou pouco questionado, um sistema aceito ao longo de anos, décadas, séculos. O sujeito-lírico discordou do discurso estabelecido pela história: não o Recife, não a Veneza brasileira. No entender de Foucault (1995, p. 236), “os mecanismos de sujeição não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação” por esse motivo, temos, no discurso

⁹ Grafia original do autor.

literário, um sujeito que, ao perceber a sua condição poeta (inserido em determinada formação discursiva), se utilizou de efeitos de sentidos para reinventar as relações que o rodeavam, e com isso reinventou-se a si mesmo para poder mudar o que estava fora – a cidade.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O sujeito poético desejou encontrar um espaço – da memória, utópico, diferente de um Recife instituído historicamente pela utópica *Veneza Brasileira*. Assim, conseguiu projetar sua vontade de verdade, e construir outros efeitos de sentidos identitários (simplicidade, características urbano-sociais próprias, uma incipiente desarmonia e medo – das transformações vindouras). Resistência às identidades impostas desde sempre (as feições europeias). Em Bandeira, a utopia serviu para dessacralizar o espaço oficial, da história e da própria literatura que criaram uma identidade harmônica, fixa para a cidade. Ele nega a *Veneza Brasileira*, mesmo a partir de uma construção utópica da identidade da cidade, apresenta uma cidade com características próprias, brasileiro-nordestinas, enfim, locais. A proposta do sujeito-lírico que queria outro Recife se abre a possibilidade de outra espacialidade, de outra identidade, tornando-as aberto a novos olhares. Mas a estabilidade da identidade espacial *Veneza Brasileira*, ainda sobreviveria naquele momento histórico¹⁰, apesar da afirmação de Hall (2006, p.07) de que “as velhas identidades que, por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas SP: Ed. Unicamp, 1998.
- BACHELARD, G. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BANDEIRA, M. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
- BANDEIRA, M. **As Cidades e as Musas**. (Org: Antonio Carlos Secchin) Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.
- BORGES FILHO, O. **Espaço e Literatura: Introdução a topoanálise**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1987.

¹⁰ Primeira metade do Século XX, em que muitos intelectuais/poetas representaram a cidade Recife como a *Veneza Brasileira*, apesar das transformações a que esta era submetida, como observado no capítulo II.

BRAGA, J. **Trilhas do Recife.** Guia Turístico, Histórico e Cultural. Recife: Gráfica Inojosa, 2000.

EAGLETON, T. **Marxismo e Crítica Literária.** Porto Alegre: Afrontamento, 1978.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso na Literatura: Rios Turvos de Margens Indefinidas.** In: FERNANDES, C. A.; GAMA-KHALLIL, M. M e ALVES JUNIOR, J. A. **Análise do Discurso na Literatura: Rios Turvos de Margens Indefinidas.** São Carlos: Claraluz, 2009.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso:** Reflexões Introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

FONSECA, E. N. **O Recife de Manuel Bandeira:** Recife: POOL Editorial, 1986.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 2007.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III – Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. Foucault, a Linguagem e Literatura. In: MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica:** para além dos estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 299, p.1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife.** São Paulo : Global, 2007.

GAMA-KHALIL, M. M. O Espaço Metamorfoseado da Literatura. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. **A (des) ordem do discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.

GAMA-KHALIL, M. M. Veredas possíveis dos estudos discursivos sobre a literatura: as vozes de Michel Foucault e de Mikhail Bakhtin nos campos da AD e da Teoria Literária. In: FERNANDES, C. A.; GAMA-KHALLIL, M. M e ALVES JUNIOR, J. A. (Orgs.). **Análise do discurso na literatura:** rios turvos de margens indefinidas. São Carlos: Claraluz, 2009.

GAMA-KHALLIL, L. M. O autor na obra autobiográfica: aplicações e implicações. In: FERNANDES, C. A.; GAMA-KHALLIL, M. M e ALVES JUNIOR, J. A. (Orgs.). **Análise do discurso na literatura:** rios turvos de margens indefinidas. São Carlos: Claraluz, 2009.

GARBÚGLIO, J. C. **Roteiro de Leitura:** poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Ática, 1998.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **A Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GREGOLIN, M. R. O Acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. **Discurso e Mídia:** a cultura do espetáculo. São Paulo: Claraluz, 2003.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem Precisa da Identidade? In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

LANGER, S. A Importância cultural da arte. In: **Ensaios Filosóficos.** São Paulo. Cultura, 1971.

NASCIMENTO, L. **O Recife pela voz dos poetas.** Recife: Prefeitura Municipal do Recife SEC/CMC, 1977.

ORLANDI, E. P. **Cidade Atravessada:** os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, SP: Editora Pontes, 2001.

PAZ, O. **O Arco e a Lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) **Por uma Introdução a Obra de Pêcheux:** uma introdução a obra de Pêcheux. Campinas/São Paulo; UNICAMP, 1990.

PESAVENTO, S.J. **O Imaginário da Cidade:** visões literárias do urbano Paris/Rio de Janeiro/Porto Alegre. Editora da Universidade, 1999.

SECCHIN, A. C. (Org.). **As cidade e as musas/Manuel Bandeira.** Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

SILVA, L. D. **O Recife:** quatro séculos de sua paisagem. Recife: Fundaj/Massangana/PCR, 1992.

SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. da. A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e Diferença:** as perspectivas dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, P. Espaços interditados e efeitos-sujeito na cidade. In: ORLANDI, E. (org.) **Cidade atravessada** – Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.